

4 Verbos modais

*There is widespread agreement among both theoretical and applied linguists that modality is a complex and very important aspect of English which is not easy for first or second language learners to acquire.*⁶⁰

(Holmes, 1988, p. 21)

Uma vez que o objetivo principal desta dissertação é verificar o uso de verbos modais na escrita de aprendizes brasileiros de ILE, este capítulo – também destinado à fundamentação teórica – enfoca este recurso lingüístico de forma mais específica.

Os verbos modais já foram amplamente descritos e estudados. Sua posição de destaque pode ser ratificada pelo fato de inúmeras gramáticas dedicadas à língua inglesa tratarem detalhadamente do mesmo (cf. Seção 4.1). De forma semelhante, Aijmer (2002) afirma haver um consenso entre lingüistas a respeito da centralidade dos verbos modais nesta língua. Ao estudar o discurso oral de falantes de IL1, McCarthy (1999) também confere importância aos verbos modais, listando os mesmos entre as nove principais categorias do vocabulário comum à comunicação. No tocante ao emprego destes verbos por falantes de IL1 e ILE, Aijmer (2002) argumenta que vários estudos anteriores à análise de corpus já indicaram haver diferentes usos entre os grupos investigados.

O presente capítulo divide-se em quatro partes. Inicialmente, são consideradas algumas das abordagens gramaticais dispensadas aos verbos modais.

⁶⁰ Tradução livre para o português: “Há uma concordância generalizada entre lingüistas teóricos e aplicados que a modalidade é um aspecto complexo e muito importante do inglês que não é de fácil aquisição para aprendizes de primeira ou segunda língua”.

Após esta apresentação, o escopo e o foco da presente pesquisa são delimitados. Na terceira parte, são discutidos estudos anteriores, que, em sua maioria, seguem a orientação da lingüística de corpus (cf. Capítulo 2) e priorizam a abordagem textual (cf. Capítulo 3). Finalmente, assim como nos outros capítulos, um resumo é oferecido.

4.1. Descrições gramaticais

Um primeiro momento no estudo de verbos modais consiste em verificar como eles são descritos em livros de referência, mais especificamente em gramáticas. De acordo com Mindt (1997, p. 41),

Cada gramática enfoca certos aspectos da língua ao mesmo tempo em que necessariamente negligencia outros. O conteúdo e a forma de uma gramática são determinados por seus objetivos específicos. O fundamento lógico de cada gramática afeta a seleção dos dados, a escolha e o escopo de suas categorias, o uso de ferramentas específicas de análise e a apresentação dos resultados de pesquisas anteriores.⁶¹

Infere-se, portanto, que diferentes gramáticas não oferecem uma mesma descrição de uma língua visto que elas podem considerá-la por prismas variados.

É exatamente para dar conta destas nuances que a presente seção busca identificar gramáticas distintas. São relatadas a seguir as perspectivas funcional, pedagógica, tradicional e baseada em corpus, acerca dos verbos modais.

4.1.1. Perspectiva funcional

De acordo com a Gramática Sistemico-Funcional (GSF – Halliday, 1994 [1985]), a modalidade é um recurso inserido dentro do elemento Finito, que é a realização do Modo verbal. O Finito tem a função de localizar a proposição no contexto do evento de fala, o que pode ser realizado de duas formas: por meio de tempo primário ou de modalidade. Enquanto o primeiro traz a ação para um

⁶¹ Tradução livre do seguinte fragmento: “Each grammar focuses on certain aspects of the language while necessarily neglecting others. The content and form of a grammar are determined by its specific objectives. The rationale of each grammar affects the selection of data, the choice

enquadre temporal, a segunda indica o julgamento que o falante faz da ação. Segundo a GSF, o elemento Finito só pode assumir uma destas duas realizações, sendo ambas sujeitas ao fenômeno concomitante da polaridade, que indica a positividade ou negatividade da asserção.

Na verdade, a modalidade é vista como o sistema que expressa os graus intermediários de polaridade, indicando posicionamentos entre o positivo e o negativo. Em outras palavras, a modalidade engloba “diferentes formas de construir o espaço semântico entre os pólos positivo e negativo”⁶² (Halliday, 1994 [1985], p. 357).

A Figura 7 resume o sistema proposto pela GSF para a análise da modalidade.

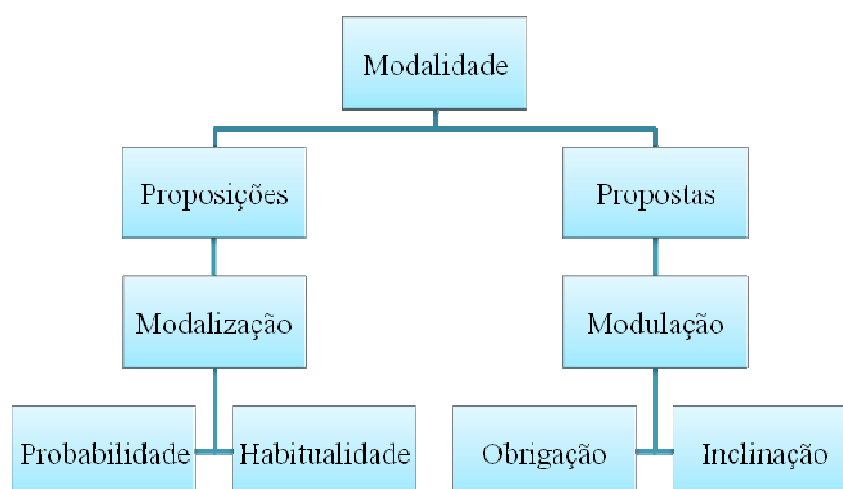


Figura 7: Modalidade e suas ramificações na GSF (cf. Halliday, 1994 [1985])

A modalidade se concretiza de duas formas distintas a depender do enunciado envolvido. No caso de proposições, o foco recai na troca de informações e a realização se dá através de afirmações ou perguntas. A polaridade indica uma asserção ou uma negação. Os valores intermediários – entre o positivo e o negativo – seriam correspondentes aos graus de probabilidade e habitualidade, que são referidos como modalização. Os graus de probabilidade

and scope of its categories, the use of specific tools of analysis and the presentation of the results of the preceding research”.

⁶² Tradução livre do seguinte fragmento: “different ways of construing the semantic space between the positive and negative poles”.

correspondem à possibilidade, probabilidade e certeza. Já os graus de habitualidade ligam-se à realização de algo às vezes, geralmente ou sempre.

As propostas, por outro lado, não enfocam a informação, mas o oferecimento de produtos e serviços, sendo realizadas por comandos ou ofertas. A polaridade indica a prescrição e a proscricção. A modalidade, neste caso, refere-se a graus de obrigação e inclinação e é denominada de modulação. No caso de comandos, a modulação indica os diferentes valores intermediários de obrigação: o que é permitido, esperado ou requerido. Em termos de ofertas, a modulação liga-se aos graus de inclinação: disposição, ansiedade e determinação.⁶³

A perspectiva funcional, que é a primeira relatada neste estudo difere claramente de todas as outras a serem apresentadas. Como o próprio nome indica, o aspecto funcional da língua é valorizado, que é vista como um sistema de escolhas. De acordo com Neves (1997, p. 15), a perspectiva sistêmico-funcional é “uma teoria da organização gramatical das línguas naturais que procura integrar-se em uma teoria global da interação social”.

4.1.2. Perspectiva pedagógica

Um exemplo de gramática pedagógica é a de Swan (1995 [1980]): o seu público-alvo é composto por estudantes intermediários e avançados e professores de inglês, e sua apresentação foi elaborada para ser prática. O autor informa na introdução que preferiu manter termos simples do cotidiano a adotar rótulos terminológicos mais adequados. Apesar de indicar que teve acesso aos dados do BNC, o autor parece não fazer o uso do mesmo na compilação da gramática.

Não obstante a adoção do rótulo de ‘verbos modais auxiliares’, Swan (1995 [1980]) refere-se aos mesmos tanto desta forma como os chama de ‘verbos modais’ de forma indistinta. A definição dada para esta categoria é que “eles são utilizados antes das formas infinitivas de outros verbos e adicionam certos tipos

⁶³ Há outros elementos envolvidos no sistema de modalização dentro da GSF como, por exemplo, valor, orientação (subjativa / objetiva e explícita / implícita) e uma subdivisão na polaridade negativa (direta / transferida). Contudo, as mesmas não serão comentadas neste trabalho.

de significados conectados com certeza e obrigação e liberdade de agir”⁶⁴ (Swan, 1995 [1980], p. 333). A categoria engloba ‘*can*’, ‘*could*’, ‘*may*’, ‘*might*’, ‘*will*’, ‘*would*’, ‘*shall*’, ‘*should*’, ‘*must*’ e ‘*ought*’. São acrescentados à lista ‘*need*’, ‘*dare*’ e ‘*had better*’ que, segundo o autor, funcionam como verbos modais auxiliares, não indicando as diferenças entre estes três e o grupo anterior. A lista de verbos modais oferecida por Swan (1995 [1980]) difere um pouco de outras gramáticas pedagógicas pela inclusão de ‘*had better*’. Hands (2000), por exemplo, opta pela inclusão de ‘*used to*’. Porém, o fato mais importante é que nenhum dos dois livros de referência justifica e/ou explica estes recortes.

Swan (1995 [1980], p. 333) argumenta que os verbos modais “normalmente não têm formas passadas [*past forms*] (apesar de ‘*would*’, ‘*could*’, ‘*should*’ e ‘*might*’ poderem às vezes ser usados como tempos passados [*past tenses*] de ‘*will*’, ‘*can*’, ‘*shall*’ e ‘*may*’).⁶⁵

Em relação aos significados expressos pelos verbos modais, Swan (1995 [1980]) indica dois grandes grupos – graus de certeza, e obrigação e liberdade de agir – que se subdividem como especificado na Figura 8.

- | |
|---|
| <p>(1) graus de certeza</p> <ul style="list-style-type: none"> (a) certeza completa (positiva ou negativa) (b) probabilidade / possibilidade (c) probabilidade fraca (d) possibilidade teórica ou habitual (e) certeza ou possibilidade condicional <p>(2) obrigação e liberdade de agir</p> <ul style="list-style-type: none"> (a) obrigação forte (b) proibição (c) obrigação fraca / recomendação (d) disposição, voluntariado, resolução, insistência e oferta (e) permissão (f) ausência de obrigação (g) habilidade <p>(3) outros significados</p> <ul style="list-style-type: none"> (a) comportamento e estado habituais |
|---|

Figura 8: Taxonomia de significados de verbos modais proposta por Swan (1995 [1980])

⁶⁴ Tradução livre do seguinte fragmento: “They are used before the infinitives of other verbs, and add certain kinds of meaning connected with certainty or with obligation and freedom to act”.

⁶⁵ Tradução livre do seguinte fragmento: “do not normally have past forms (though *would*, *could*, *should* and *might* can sometimes be used as past tenses of *will*, *can*, *shall* and *may*)”.

Em resumo, muitas gramáticas que adotam uma perspectiva pedagógica dedicam um tratamento extremamente simples à questão dos verbos modais. Parece que a adaptação das explicações para o público-alvo de estudantes de língua inglesa é acompanhada de uma simplificação descritiva que, por vezes, não se sustenta. Além disto, ao tentar propor classificações diversas para os verbos modais, estas obras lançam mão de exemplos descontextualizados e isolados para ilustrar as mais diferentes categorias, não sendo a língua abordada a partir da perspectiva do uso. Por este motivo, os exemplos e as classificações ficam vulneráveis e podem ser contestadas pelos leitores. A simplificação pode levar o estudante a simplesmente decorar categorias e exemplos sem efetivamente entender o motivo pelo qual uma instância de verbo modal é compreendida como parte de uma ou outra categoria. Assim sendo, as gramáticas classificadas como pedagógicas podem não auxiliar efetivamente o aluno a entender a questão dos verbos modais. Neste sentido, elas também não se mostraram interessantes para o presente estudo.

4.1.3. Perspectiva tradicional

Uma gramática da língua inglesa que é tradicionalmente considerada como uma das mais completas abordagens à mesma é a de Quirk et al. (1997 [1985]). Diferentemente das descrições oferecidas pelas gramáticas pedagógicas, esta obra de referência tem outra proposta, que se destaca pelo aprofundamento da questão relativa aos verbos modais.

Segundo Quirk et al. (1997 [1985], p. 219 – ênfase no original), “a *modalidade* pode ser definida como a maneira pela qual o significado de uma oração é qualificado para refletir o julgamento do falante acerca da probabilidade de que a proposição expressa seja verdadeira.”⁶⁶ Em termos descritivos, os autores sugerem que os verbos modais sejam considerados em um contínuo que vai desde sintagmas com um único verbo (os modais centrais) até aqueles que contêm dois verbos (verbo principal + oração não-finita), escala esta que

⁶⁶ Tradução livre do seguinte fragmento: “*modality* may be defined as the manner in which the meaning of a clause is qualified so as to reflect the speaker’s judgment of the likelihood of the proposition it expresses being true”.

corresponderia aos verbos auxiliares e principais. Desta forma, os autores distinguem seis pontos nesta escala:

- (a) modais centrais: ‘*can*’, ‘*could*’, ‘*may*’, ‘*might*’, ‘*shall*’, ‘*should*’, ‘*will*’, ‘*would*’, ‘*must*’;
- (b) modais marginais: ‘*dare*’, ‘*need*’, ‘*ought to*’, ‘*used to*’;
- (c) expressões idiomáticas modais: ‘*had better*’, ‘*would rather / sooner*’, ‘*be to*’, ‘*have got to*’, etc;
- (d) semi-auxiliares: ‘*have to*’, ‘*be about to*’, ‘*be able to*’, ‘*be bound to*’, ‘*be going to*’, ‘*be obliged to*’, ‘*be supposed to*’, ‘*be willing to*’, etc;
- (e) *catenatives*: ‘*appear to*’, ‘*happen to*’, ‘*seem to*’, ‘*get + -ed participle*’, ‘*keep + -ing participle*’, etc;
- (f) verbo principal + oração não-finita: ‘*hope + to-infinitive*’, ‘*begin + -ing participle*’.

Quanto ao aspecto semântico, Quirk et al. (1997 [1985]) distinguem inicialmente os verbos modais entre dois grupos de significados: (a) permissão, obrigação e volição e (b) possibilidade, necessidade e predição. O primeiro grupo seria considerado como intrínseco já que dependeria da ação humana enquanto o segundo seria denominado de extrínseco justamente por prescindir da mesma. No entanto, como os próprios autores apontam, a distinção entre modais intrínsecos e extrínsecos não é clara posto que cada verbo pode expressar ambos os significados. Além disto, são observados usos nos quais há sobreposição ou neutralidade de interpretação analítica quanto a estes sentidos.

Em outro momento na gramática, os autores refinam esta divisão e desenvolvem uma taxonomia tríade:

- (a) permissão (intrínseca) / possibilidade e habilidade (extrínsecas): ‘*can*’, ‘*could*’, ‘*may*’, ‘*might*’;
- (b) obrigação (intrínseca) / necessidade (extrínseca): ‘*must*’, ‘*have (got) to*’, ‘*need*’, ‘*should*’, ‘*ought to*’
- (c) volição (intrínseca) / predição (extrínseca): ‘*will*’, ‘*would*’, ‘*shall*’.

Apesar de não se dedicar à questão de frequências de usos, Quirk et al. (1997 [1985]) afirmam ser ‘*can*’ e ‘*will*’ extremamente comuns na língua inglesa ao passo que ‘*shall*’, ‘*ought to*’ e ‘*need*’ seriam relativamente raros. A escassez de uso destes verbos seria mais sensivelmente notada no inglês americano do que no inglês britânico.

Apesar da exaustividade com que Quirk et al. (1997 [1985]) examinam os verbos modais, não são indicadas frequências de uso para cada um dos verbos modais. Tal lacuna só seria preenchida com o surgimento de gramáticas baseadas em corpus, descritas na próxima seção.

4.1.4. Perspectiva baseada em corpus

Dentre as gramáticas baseadas em corpus, a compilada por Biber et al. (1999) ocupa uma posição de destaque. Esta obra difere das outras por apresentar uma nova abordagem à língua inglesa, considerando-a com base em conversa, ficção, textos jornalísticos e prosa acadêmica. O corpus utilizado na pesquisa totaliza 40 milhões de palavras e representa duas grandes variedades: inglês americano e inglês britânico.

Biber et al. (1999) dividem os verbos que expressam modalidade em três categorias como indicado na Figura 9.

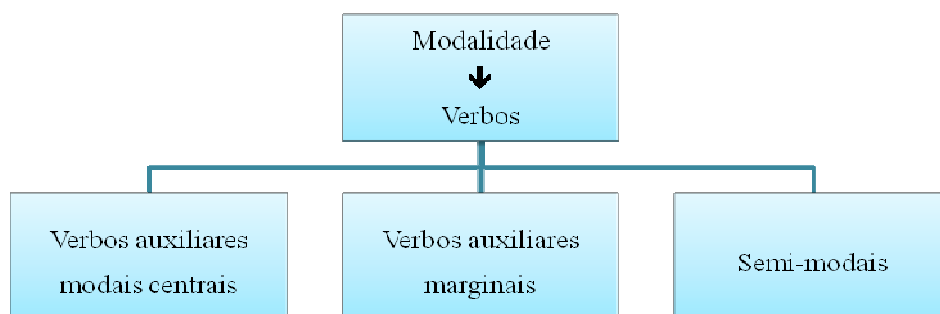


Figura 9: Taxonomia de verbos modais proposta por Biber et al. (1999)

O primeiro grupo inclui ‘*can*’, ‘*could*’, ‘*may*’, ‘*might*’, ‘*must*’, ‘*shall*’, ‘*should*’, ‘*will*’ e ‘*would*’, que correspondem ao grupo de nome semelhante proposto por Quirk et al. (1997 [1985]). Eles possuem certas características em comum: (a) são invariáveis, (b) funcionam como auxiliares, (c) precedem o advérbio de negação ‘*not*’, (d) são antepostos ao sujeito em casos de frases interrogativas,⁶⁷ (e) são seguidos por um verbo no infinito sem ‘*to*’, (f) geralmente não podem co-ocorrer.

⁶⁷ Biber et al. (1999, p. 483) falam apenas em perguntas cuja resposta inclui sim ou não, mas a afirmação é aqui generalizada para todos os tipos de perguntas diretas.

Os verbos auxiliares marginais – ‘*dare (to)*’, ‘*need (to)*’, ‘*ought to*’ e ‘*used to*’ – podem ser empregados como verbos auxiliares modais centrais. No entanto, estes são pouco freqüentes e restritos ao inglês britânico segundo Biber et al. (1999, p. 484). Mais uma vez nota-se o paralelismo entre a descrição de Biber et al. (1999) e a de Quirk et al. (1997 [1985]), o que não é totalmente inesperado visto que em trabalhos anteriores (por exemplo, Biber, 1988), o primeiro autor utilizou amplamente a descrição gramatical oferecida por Quirk et al. (1997 [1985]).

O que se denomina de semi-modais – também conhecidos por quase-modais e modais perifrásticos – corresponde a expressões idiomáticas fixas que podem também ter comportamento similar ao dos verbos auxiliares modais centrais: ‘*be going to*’, ‘*be supposed to*’, ‘*(have) got to*’, ‘*have to*’ e ‘*(had) better*’. Neste caso, nota-se a diferença entre a presente proposta e a de Quirk et al. (1997 [1985]), que considera parte destes verbos como expressões idiomáticas modais e parte como semi-auxiliares.

Quando comparadas aos verbos modais auxiliares centrais, as duas últimas categorias diferem pelo fato de alguns dos seus integrantes poderem ser (a) marcados para pessoa e tempo verbal, (b) empregados em formas não-finitas e (c) usados com outros modais. Não obstante a indicação da diferença entre verbos auxiliares marginais e semi-modais, Biber et al. (1999) referem-se aos mesmos de forma indiscriminada como semi-modais.⁶⁸

Apesar de os verbos modais centrais⁶⁹ não terem uma forma especial para expressar tempo verbal, como apontado anteriormente, eles podem indicar a noção de tempo e esta característica pode dividir os mesmos em dois grupos, como ilustrado na Figura 10, com a exceção de ‘*must*’.

⁶⁸ Biber et al. (1999, p. 484) também ressaltam a existência de expressões fixas que têm significados semelhantes ao dos modais auxiliares (‘*want to*’, ‘*be able to*’, ‘*be obliged to*’, ‘*be likely to*’ e ‘*be willing to*’), mas estas diferem dos outros pelo fato de que suas partes contribuem de forma independente para o significado da estrutura.

⁶⁹ Esta é uma forma reduzida empregada por Biber et al. (1999) para se referir aos verbos modais auxiliares centrais.

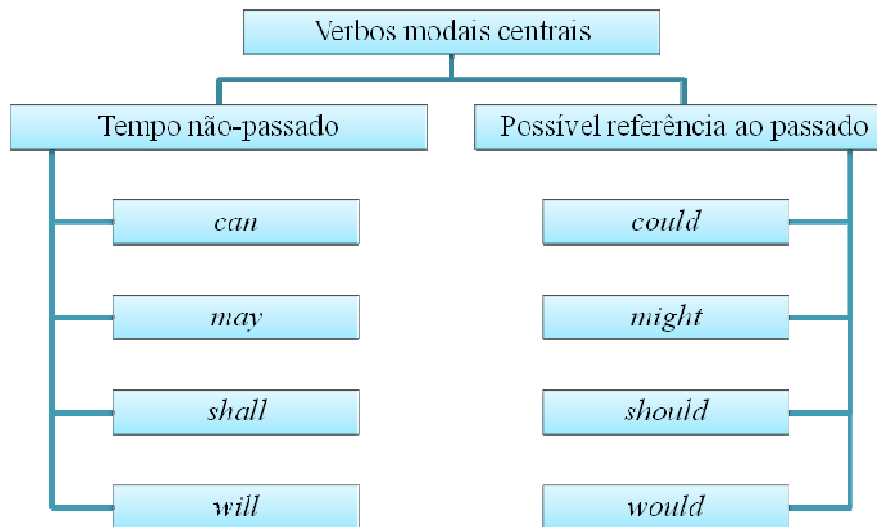


Figura 10: Distribuição de verbos modais centrais por referência temporal (cf. Biber et al., 1999)

De acordo com a Figura 10, oito dos verbos modais centrais são encaixados neste tipo de classificação, tendo cada um deles uma forma correspondente. Porém, a classificação não necessariamente indica que *'could'*, *'might'*, *'should'* e *'would'* se referem exclusivamente ao passado, podendo ser empregados para indicar, por exemplo, polidez ou hipóteses.

Em relação aos significados expressos por verbos modais centrais e semi-modais, Biber et al. (1999) propõem uma divisão tripartite:

- (a) permissão / possibilidade / habilidade: *'can'*, *'could'*, *'may'* e *'might'*;
- (b) obrigação / necessidade: *'must'*, *'should'*, *'(had) better'*, *'have (got) to'*, *'need to'*, *'ought to'*, *'be supposed to'*;
- (c) volição / predição: *'will'*, *'would'*, *'shall'*, *'be going to'*.⁷⁰

Estes verbos também apresentam dois tipos de significados distintos, que são referidos como intrínseco ou deôntico e extrínseco ou epistêmico. O significado intrínseco ou deôntico refere-se àquele no qual há algum tipo de controle humano: permissão, obrigação e volição. Desta forma, estes verbos estariam geralmente relacionados a sujeitos humanos e verbos dinâmicos. Por sua vez, o significado extrínseco ou epistêmico engloba as expressões de modalidade que se relacionam a indicações de probabilidade: possibilidade, necessidade ou

predição. Isto posto, deduz-se que estes verbos modais usualmente se ligariam a sujeitos inanimados e/ou verbos estáticos.

A distribuição dos verbos modais centrais no corpus analisado por Biber et al. (1999) apresenta, em ordem decrescente de frequência, *'will'*, *'would'*, *'can'*, *'could'*, *'may'*, *'should'*, *'must'*, *'might'* e *'shall'*. Assim sendo, os verbos que podem fazer referência ao passado (*'would'*, *'could'* e *'might'*) são menos frequentes do que aqueles que não podem fazê-lo (*'will'*, *'can'* e *'may'*). A única exceção concerne ao par *'shall'* e *'should'* no qual o último é mais frequente do que o primeiro.

Em relação à distribuição entre gêneros, nota-se uma diferença entre o uso de verbos modais centrais. A conversa é o gênero que faz maior uso destes por frequentemente transmitir a idéia de posicionamento (Biber et al., 1999, p. 487). Em ordem decrescente, têm-se a ficção, a prosa acadêmica e os textos jornalísticos.

Quando a distribuição de verbos modais centrais é verificada em termos de seus significados, nota-se que os que marcam permissão, possibilidade e habilidade, e volição e predição são mais comuns do que os que indicam obrigação e necessidade. Biber et al. (1999, p. 489-490) explicam tal frequência menor com base em duas razões. Uma está relacionada à tentativa de diminuir asserções que possam ameaçar a face do interlocutor / leitor. A outra se liga à comum expressão destes significados por semi-modais, especialmente *'have to'*.

Dentro da categoria de permissão, possibilidade e habilidade, *'can'* é mais comumente empregado em conversas e também em prosa acadêmica, onde aparece em menor proporção. No caso de *'could'*, a concentração ocorre em ficção e conversa, sendo a prosa acadêmica o gênero no qual ele é menos frequente. Já *'may'* é justamente mais recorrente neste gênero. Por fim, *'might'* apresenta distribuição semelhante e não tão frequente em conversa, ficção e prosa acadêmica.

Na categoria de obrigação e necessidade, *'must'* e *'should'* são mais frequentemente empregados na prosa acadêmica. Eles são também recorrentes no gênero de ficção.

⁷⁰ Tanto *'dare (to)'* como *'used to'* não são incluídos nesta divisão. Biber et al. (1999) explicam a exclusão do segundo por estar relacionado ao tempo passado, mas não comentam a omissão do primeiro.

Em termos de volição e predição, ‘*will*’ e ‘*would*’ são freqüentes em todos os gêneros. Porém, o primeiro é bastante empregado em conversas e textos jornalísticos enquanto o segundo ocorre mais repetidamente em conversa e ficção. Em ambos os casos, é na prosa acadêmica que estes verbos modais centrais ocorrem menos. No tocante à ‘*shall*’, nota-se baixa ocorrência, mas com concentração em conversa e ficção.

Uma das novidades associada às gramáticas baseadas em corpus é que as mesmas permitem revelar a freqüência de uso de traços lingüísticos em uma determinada língua. No caso de Biber et al. (1999), não só é possível verificar quão recorrentemente os verbos modais são utilizados na língua inglesa, mas também é possível identificar padrões de uso em suas variedades e em seus gêneros. Esta é certamente uma das inovações que esta gramática traz para os estudos lingüísticos.

4.2. Foco analítico

Conforme anteriormente apontado, as perspectivas gramaticais aqui apresentadas são distintas. Notadamente, a funcional se diferencia de todas as outras por ver a questão dos verbos modais a partir do uso dos mesmos, dividindo a modalidade em modalização e modulação. As outras três perspectivas são, de certo modo, semelhantes. Porém, as gramáticas pedagógicas e as tradicionais parecem estar em dois extremos. Enquanto as primeiras oferecem uma descrição por vezes simplista sem maiores detalhes ou justificativas, as outras dedicam um tratamento aprofundado aos verbos modais em termos de exatidão descritiva. Neste aspecto, a perspectiva baseada em corpus adiciona uma nova dimensão a esta descrição, permitindo que diferenças de uso sejam mapeadas em diferentes contextos.

O presente estudo adota a perspectiva de Biber et al. (1999) por esta poder ser considerada a gramática que descreve a língua inglesa com maior precisão através de corpus. Desta forma, tal descrição se integra às decisões que concernem a este estudo, igualmente baseado na análise proporcionada pela lingüística de corpus (cf. Seção 2). De certa forma, os resultados aqui

encontrados poderão ser contrastados aos de Biber et al. (1999) na tentativa de entendê-los dentro de uma maior perspectiva.

Como toda pesquisa necessariamente implica um recorte ou seleção para que a mesma seja factível, optou-se aqui por investigar o que Biber et al. (1999) denominam de verbos auxiliares modais centrais pelo fato de os mesmos serem mais frequentes na língua inglesa. Assim sendo, o foco analítico da dissertação recai na investigação de ‘*can*’, ‘*could*’, ‘*may*’, ‘*might*’, ‘*must*’, ‘*shall*’, ‘*should*’, ‘*will*’ e ‘*would*’. Com relação à terminologia empregada, opta-se por se referir a este grupo como verbos modais ou simplesmente modais por economia de linguagem.

Todos os verbos a serem analisados possuem traços semânticos que ou os aproxima ou os distancia. A questão acerca deste aspecto semântico tem sido objeto de amplo debate na literatura específica (Collins, 2007). Há duas correntes principais que acreditam serem os mesmos monossêmicos ou polissêmicos. Na perspectiva monossêmica, cada verbo modal teria um significado único e transparente em todos os seus usos, sendo interpretações possibilitadas pelo contexto. De acordo com a visão polissêmica, considera-se que cada verbo modal tem significado independente, mas não necessariamente claramente distinto. Neste trabalho, reconhece-se a polissemia dos verbos modais, mas também se corrobora a impossibilidade de classificar claramente seus usos em todas as instâncias a serem analisadas. Mesmo quando este procedimento é realizado, ele ainda deixa margens a dúvidas, sendo uma tarefa de certa forma subjetiva. Por este motivo, opta-se no presente estudo por não se empreender uma classificação semântica de cada instância de uso dos verbos modais apesar de isto não implicar, de nenhuma forma, desmerecimento dos estudos que o fazem.

4.3. Estudos anteriores

Diferentemente da Seção 4.1, esta seção não se ocupa da descrição dos verbos modais, mas de uma revisão dos achados de diferentes pesquisas a este respeito. São comentados, então, alguns dos estudos que guardam relação com a investigação em foco.

Nota-se que algumas das pesquisas não lidam unicamente com verbos modais, mas incluem esta categoria dentro de outras maiores como modalidade (epistêmica), envolvendo outras categorias gramaticais. Nestes casos, são comentados unicamente os resultados acerca dos verbos modais.

Consoante com o foco analítico explicitado na Seção 4.2, consideram-se especialmente os resultados relativos aos nove verbos modais estudados e suas respectivas frequências e padronizações. Desta forma, foram deixados de lado outros aspectos que porventura tenham sido tratados nos estudos reportados abaixo.

A subdivisão das seguintes seções tenta agrupar os estudos com um mesmo objetivo. Desta forma, comentam-se estudos mais gerais a respeito da língua inglesa relacionados aos seus gêneros ou variedades nacionais em um primeiro momento. A seguir, enfocam-se os estudos contrastivos entre falantes de IL1 e de ILE, com especial atenção àqueles que envolvem participantes brasileiros. Por fim, os estudos comparativos entre o uso real e o indicado em materiais para ensino de ILE são reportados.

4.3.1. Gêneros e variedades de IL1

Um estudo cujo escopo de análise dos gêneros da língua inglesa revela-se amplo é o de Biber (1988). Neste, o autor verifica quais são os fatores responsáveis pela variação de gêneros. Em outras palavras, busca-se verificar quais traços lingüísticos são comumente encontrados nos gêneros analisados e que servem para defini-los.

Biber (1988) divide os verbos modais em três categorias, a saber, (a) possibilidade (*'can'*, *'could'*, *'may'* e *'might'*), (b) necessidade (*'ought'*, *'should'* e *'must'*) e (c) predição (*'will'*, *'would'* e *'shall'*). Esta distinção, tendo sido baseada em Quirk et al. (1997 [1985]), é semelhante a que ele propõe mais tarde (cf. Biber et al., 1999), sendo que os rótulos sofrem algumas alterações e *'ought'* é considerado como verbo auxiliar marginal (cf. Seção 4.1.4).

Quando os textos de seu corpus de inglês oral e escrito foram submetidos à análise fatorial, as três categorias, no entanto, não foram agrupadas em um mesmo fator. Os verbos modais que expressam possibilidade estão no Fator 1, que se

refere à distinção entre envolvimento e informação. Na verdade, este tipo de verbo modal também apareceu no Fator 4, mas como o resultado obtido (0.37) foi inferior ao produzido no Fator 1 (0.50), o mesmo foi mantido neste último. Os verbos modais indicativos de possibilidade estariam relacionados à extremidade do contínuo que denota envolvimento visto que eles “são usados para sinalizar incerteza ou ausência de precisão na apresentação da informação”⁷¹ (Biber, 1988, p. 106).

As outras duas categorias de verbos modais – necessidade e predição – foram incluídas no Fator 4, relacionado à expressão de persuasão. Como Biber (1988, p. 111) explica, os traços lingüísticos relacionados a este fator “funcionam juntos para marcar persuasão: seja uma marcação explícita da persuasão própria do falante (o próprio ponto de vista do falante) ou discurso argumentativo planejado para persuadir o interlocutor”.⁷²

Em um estudo mais específico do que o anterior, Hunston (2002) compara três subcorpora do *Bank of English* (BoE). A pesquisadora nota que ‘*must*’ é o verbo modal preferido nos gêneros escritos. Nestes, representados por um corpus de livros publicados na Grã-Bretanha e um corpus do jornal *The Times*, ‘*must*’ totaliza, respectivamente, 683 e 460 ocorrências por um milhão de palavras. Em uma mesma base de comparação, ‘*have to*’ é empregado 419 (corpus de livros) e 371 (corpus de jornal) vezes. Por outro lado, ‘*have to*’ é mais comumente encontrado no corpus oral de inglês britânico: 802 ocorrências em termos relativos. Neste caso, ‘*must*’ contabiliza apenas uma frequência normalizada de 363 ocorrências. De acordo com a autora, o resultado sugere a informalidade de ‘*have to*’ quando comparado a ‘*must*’.

Em outra pesquisa, Hunston (2000) dedica-se a uma análise exploratória de alguns verbos modais no BoE, seguindo o princípio idiomático (Sinclair, 1991 – cf. Seção 2.2). Segundo a autora, o significado de verbos modais é descrito como simples e complexo:

⁷¹ Tradução livre do seguinte fragmento: “are used to flag uncertainty or lack of precision in the presentation of information”. Esclarece-se que esta passagem refere-se tanto aos verbos modais indicativos de possibilidade como aos mitigadores (*hedges*).

⁷² Tradução livre do seguinte fragmento: “function together to mark persuasion: either explicit marking of the speaker’s own persuasion (the speaker’s own point of view) or argumentative discourse designed to persuade the addressee”.

Ele é simples posto que a maioria dos verbos modais tem dois ou três significados facilmente distinguíveis. [...] Por outro lado, exemplos de modais em uso relevam uma complexidade inesperada no sentido de que deve haver muitas gradações sutis de significados.⁷³ (Hunston, 2000, p. 234)

O objetivo do estudo é demonstrar como os padrões fraseológicos podem permitir que o analista identifique mais facilmente estes significados. Além disto, pretende-se também ilustrar que a escolha de um verbo modal não se dá em termos paradigmáticos, mas em termos fraseológicos. Alguns padrões são identificados, explicados e exemplificados,⁷⁴ o que permitiria a distinção do significado de verbos modais de forma mais rápida e automatizada. No entanto, nem sempre o padrão fraseológico é suficiente para resolver a ambigüidade lingüística, sendo necessário recorrer ao cotexto. Como a própria autora indica na conclusão, o estudo é inicial, mas serve ao propósito de identificar que os verbos modais têm seus próprios padrões fraseológicos assim como as palavras lexicais.

O estudo de Krogvig & Johansson (1981) diferencia-se dos anteriores por adicionar a questão da variedade em IL1 à análise comparativa dos gêneros. São enfocados os usos de ‘*shall*’, ‘*should*’, ‘*will*’ e ‘*would*’ em vários gêneros impressos do inglês americano e britânico. Para tanto, são analisados os corpora Brown e Lancaster-Oslo / Bergen (LOB), respectivamente.

Percebe-se que ‘*shall*’ e ‘*should*’ são mais freqüentes no inglês britânico. Contrariamente às expectativas, a diferença de ‘*shall*’ entre os dois corpora é menor do que a de ‘*should*’, sendo o primeiro utilizado em menor escala do que todos os outros três verbos modais estudados nos dois corpora. Não há uma tendência notável nos casos de ‘*will*’ e ‘*would*’ já que a diferença entre os corpora é muito reduzida. As formas contratas da negativa e da afirmativa são menos freqüentes, o que já era esperado dado que os corpora contemplam textos escritos. A única diferença reside no uso de ‘*will not*’ e ‘*won’t*’, que apresentam freqüências brutas semelhantes nos dois corpora, mas os autores não fornecem os números relativos, o que permitiria uma comparação entre os mesmos.

⁷³ Tradução livre do seguinte fragmento: “It is simple in that most modal verbs have two or three easily-distinguished meanings. [...] On the other hand, examples of modals in use reveal an unexpected complexity, in the sense that there may be many subtle shades of meaning”.

⁷⁴ Um dos padrões identificados por Hunston (2000) concerne ao uso de ‘*I must admit*’, ‘*I must confess*’, ‘*I must say*’ e ‘*if I may*’ para diminuir a força de asserções.

Apesar de os pesquisadores afirmarem que “‘*shall*’ é principalmente uma característica da prosa informativa”⁷⁵ (Krogvig & Johansson, 1981, p. 34), esta asserção não parece ser condizente com os dados apresentados visto que em muitos dos gêneros analisados a frequência observada de ‘*shall*’ fica aquém da frequência esperada. Talvez fosse mais adequado afirmar que este verbo modal não é característico da prosa imaginativa. Neste caso, há somente duas exceções no LOB relativas a ‘ficção geral’ e ‘histórias de romance e amor’.

Afirma-se também que “‘*should*’ é mais frequente no corpus LOB do que no corpus Brown, e a maior representação é encontrada em todas as categorias textuais à exceção de D (religião), onde o número para o material americano é ligeiramente maior”⁷⁶ (Krogvig & Johansson, 1981, p. 34-35). Porém, este parece ser esta um resultado equivocado. Os pesquisadores provavelmente derivam esta conclusão das frequências, mas talvez tenham deixado de observar as diferenças existentes entre estas e as frequências esperadas, que eles próprios indicam em um dos gráficos no artigo. A partir destes dados, nota-se uma distribuição igualitária entre os gêneros nos dois corpora: o Brown totaliza mais ocorrências de ‘*should*’ em sete gêneros e o LOB, em oito. Isto provavelmente indica que há uma distribuição similar de ‘*should*’ nos dois corpora quando observados em termos de gêneros.

As análises subseqüentes realizadas com a co-ocorrência de pronomes pessoais e tipos oracionais, cruzando estes dados com o gênero também parecem apresentar problemas. A origem dos mesmos é igual em todos os casos: as conclusões são baseadas em frequências absolutas, que não são guias confiáveis no caso de estudos contrastivos com corpora de diferentes tamanhos.

Nakamura (1993) também se dedica à análise dos verbos modais nos gêneros e variedades representados nos e pelos corpora Brown e LOB. No entanto, o pesquisador emprega uma metodologia distinta que envolve o uso de uma técnica estatística denominada de *Hayashi’s Quantitification Method Type III*. Os 13 verbos modais incluídos na análise foram ‘*can*’, ‘*could*’, ‘*dare*’, ‘*may*’, ‘*might*’, ‘*must*’, ‘*need*’, ‘*ought*’, ‘*shall*’, ‘*should*’, ‘*used*’, ‘*will*’ e ‘*would*’.

⁷⁵ Tradução livre do seguinte fragmento: “SHALL is mainly a feature of informative prose”.

⁷⁶ Tradução livre do seguinte fragmento: “SHOULD is more frequent in the LOB Corpus than in the Brown Corpus, and the over-representation is found in all the text categories apart from D (Religion), where the figure for the American material is slightly higher”.

Quando da análise dos dados americanos (corpus Brown), percebe-se que os verbos modais, em sua maioria, alinham-se a uma distinção entre prosa imaginativa e informativa. Na escrita imaginativa, encontram-se *'would'*, *'used'*, *'ought'* e *'might'*. Já *'dare'*, *'need'*, *'may'*, *'shall'* e *'could'* relacionam-se aos gêneros informativos. Há um grupo que tende a estar ligado à prosa informativa, mas que se encontra próximo da origem do eixo: *'can'*, *'should'* e *'must'*. Em outras palavras, estes verbos tendem a uma posição neutra. Finalmente, *'will'* revela-se como um verbo modal neutro nesta distribuição de gêneros no corpus Brown.

Os textos classificados como 'documentos governamentais' e 'religião' (com várias citações bíblicas) concentram alta frequência de *'shall'*. Os textos que se referem à 'habilidade e hobby' apresentam grande frequência de *'could'*. Por sua vez, os escritos englobados sob a rubrica de 'reportagem jornalística' se caracterizam pelo emprego frequente de *'will'*.

Estes resultados podem ser comparados aos de Krogvig & Johansson (1981). Parece que a conclusão de que *'shall'* é característico da prosa informativa é confirmada pelo estudo de Nakamura (1993).

No caso do corpus britânico (LOB), Nakamura (1993) verifica a distribuição de gêneros entre informativos e imaginativos, com uma única exceção *'belles lettres, biografias e memórias'* que está próximo à prosa imaginativa, mas estando ainda mais perto da origem das coordenadas, indicando não haver preferência por algum verbo modal. Os verbos que caracterizam a prosa imaginativa são *'dare'*, *'could'*, *'used'*, *'might'*, *'ought'* e *'would'* enquanto *'may'*, *'should'*, *'shall'*, *'will'*, *'can'* e *'need'* relacionam-se à informativa. No tocante à *'must'*, parece não haver uma tendência já que o modal se localiza próximo ao zero.

Nakamura (1993) nota também que o contraste entre *'shall'* e *'will'* parece corresponder ao existente entre 'documentos governamentais' por um lado, e 'resenhas jornalísticas', 'habilidade e hobby', 'reportagens jornalísticas' e possivelmente 'editoriais jornalísticos' por outro.

Quando os dois corpora são analisados conjuntamente, a divisão entre gêneros informativos e imaginativos ainda parece se sustentar com, respectivamente, *'may'* e *'would'*, contribuindo para tal. O pesquisador também afirma que são os verbos modais *'could'*, *'would'* e *'will'* os principais responsáveis pela diferenciação entre os dados do Brown e do LOB. A

investigação aponta que “o uso de alguns dos modais difere marcadamente entre o inglês americano e o britânico”⁷⁷ (Nakamura, 1993, p. 44).

A correlação de ‘*shall*’ com a prosa informativa indicada por Krogvig & Johansson (1981) é sustentada por Nakamura (1993). Contudo, ‘*should*’ não se revela como igualmente freqüente em todos os gêneros, estando relacionado à prosa informativa.

Em um estudo mais recente, Collins (2007) investiga o uso de ‘*can*’, ‘*could*’, ‘*may*’ e ‘*might*’ em três corpora de IL1 com dados de americanos, australianos e britânicos. Apesar de analisar diferenças de gênero e variedade, Collins (2007) dá especial importância à investigação de questões de uso por grupos nacionais. Os corpora utilizados no caso de australianos e britânicos foram os compilados no âmbito do *International Corpus of English* (ICE). Na ausência de tal empreitada no caso americano, o pesquisador compilou um corpus de estudo a partir de seções dos corpora de Santa Bárbara para os textos orais e do *Freiburg-Brown Corpus of American English* (FROWN) para os escritos. O uso deste último corpus em comparação aos do ICE não está livre de problemas, mas o autor comenta no artigo estas restrições.

Na análise de ‘*could*’ e ‘*might*’ como possíveis formas indicativas do passado, Collins (2007) divide os usos em temporal e hipotético. Os resultados indicam ser o uso hipotético o mais comum em todas as três variedades da língua inglesa estudada. O inglês australiano apresenta a maior concentração de ‘*might*’ hipotético e ao mesmo tempo a menor de ‘*could*’ hipotético. O autor sugere que “enquanto ‘*could*’ pode ser legitimamente analisado como o complemento pretérito de ‘*can*’ no tempo presente, a evidência para uma relação inflexional comparável entre ‘*may*’ e ‘*might*’ é não mais obrigatória”⁷⁸ (Collins, 2007, p. 487).

Os resultados indicam que ‘*can*’ é mais freqüente do que ‘*may*’ nas três variedades da língua inglesa em no mínimo três vezes. Este é mais encontrado na fala do que na escrita, diferença esta que é mais notável no inglês americano.

⁷⁷ Tradução livre do seguinte fragmento: “the use of some of the modals does differ markedly between American and British English”.

⁷⁸ Tradução livre do seguinte fragmento: “while *could* may be legitimately analyzed as the preterite counterpart of present tense *can*, the evidence for a comparable inflectional relationship between *may* and *might* is no longer compelling”.

Comparando-se as ocorrências da escrita, ‘*can*’ é característico do inglês britânico.

No caso de ‘*may*’, ele é mais recorrentemente encontrado nos dados britânicos, sendo sempre característico da escrita. A relação entre este verbo modal e os gêneros escritos é encontrada nos três corpora.

Assim como no par ‘*can*’ e ‘*may*’, ‘*could*’ é mais usado do que ‘*might*’ em todos os corpora em no mínimo duas vezes. Os dados americanos apresentam notável preferência por ‘*could*’ quando comparados aos outros corpora. Em todos os três casos, observa-se que ‘*could*’ é mais recorrente na fala.

O verbo modal ‘*might*’ é empregado com menor frequência em todos os corpora. Há, no entanto, uma diferença nos dados americanos que empregam bem menos este verbo. Em termos do meio, ele é mais comum nos gêneros orais de uma forma geral, mas os americanos apresentam uma tendência divergente, utilizando o mesmo mais na escrita.

De forma resumida, o que todos os estudos apontam é que o uso de verbos modais não é algo tão simples como pode parecer em um primeiro momento. Eles apresentam variações de uso tanto em relação aos gêneros quanto às variedades de IL1. O contraste entre IL1 e ILE será abordado na próxima seção.

4.3.2. Estudos contrastivos

A seção anterior delineou um parâmetro de comparação entre os resultados desta dissertação e o dos gêneros e variedades nacionais de IL1. A presente seção engloba estudos contrastivos entre a produção de falantes de IL1 e ILE em várias partes do mundo. Assim sendo, em um momento posterior, poder-se-á verificar as relações entre os resultados do presente estudo e aqueles das investigações resenhadas abaixo.

No âmbito da análise de dados orais, o estudo de Hunston (2002) compara um corpus de ILE característico da fala de estudantes noruegueses de 14-15 anos com um corpus comparável de dados britânicos. Não há informação a respeito dos números reportados, isto é, se eles correspondem a frequência bruta e/ou normalizada. Assim sendo, se os corpora forem de mesmo tamanho, parece que

os verbos modais analisados, com exceção de *'might'*, são empregados mais freqüentemente pelos noruegueses.

A autora realiza uma análise mais detalhada do uso de *'should'*, sem explicar o motivo de sua seleção. Apesar de ambos os grupos utilizarem o mesmo para indicar obrigação, há diferenças observáveis nos corpora. Os falantes de IL1 empregam este modal para indicar o que provavelmente acontecerá caso alguma outra ação tenha sido realizada conforme esperado (*"he should be back soon"* – Hunston, 2002, p. 210). Entretanto, os falantes de ILE freqüentemente usam *'should'* no contexto de instruções, o que não acontece com os falantes de IL1, que optam pelo imperativo.

Igualmente baseado em corpora orais, Shirato e Stapleton (2007) levantam o vocabulário que é utilizado em maior ou menor escala por aprendizes de ILE em interações face a face⁷⁹ quando comparado aos dados provenientes de falantes de IL1. O corpus de estudo foi compilado a partir de conversas em sala de aula entre alunos japoneses adultos de ILE.⁸⁰ O corpus de referência foi constituído pelos componentes do gênero oral do BNC.⁸¹

Em relação às palavras isoladas, uma das áreas que apresentou grandes diferenças entre os corpora foi a de verbos modais. No corpus de ILE, os verbos modais mais freqüentes foram, em ordem decrescente, *'can'*, *'will'*, *'could'* e *'would'*. No BNC, a seqüência é de *'will'*, *'can'*, *'would'* e *'could'*. De um ângulo geral, nota-se que os estudantes japoneses utilizam todos os verbos modais analisados (*'can'*, *'could'*, *'will'*, *'would'*, *'should'*, *'may'*, *'might'*, *'must'* e *'shall'*) em menor escala. A única exceção é o uso mais recorrente de *'will'* em sua forma afirmativa não-reduzida. Isto, porém, não se observa para a forma afirmativa reduzida nem para o lema. Diferenças específicas apareceram também no uso destes verbos. Ao empregarem *'could'*, os falantes de IL1 indicaram, de forma recorrente, a sugestão da realização de alguma ação e a afirmação de algo

⁷⁹ Apesar de se afirmar que são interações face a face, a coleta de dados lembra mais o procedimento de um grupo de enfoque com aprendizes discutindo um tópico iniciado por um professor, falante de IL1. Além disto, dentro desta categoria de interação face a face, também foram incluídas o que se denomina de “entrevistas” nas quais os participantes deveriam descrever uma figura, explicar uma seqüência de ilustrações e depois interpretar o papel de uma das personagens.

⁸⁰ Alguns problemas nesta compilação são a diversidade da população em termos de idade, nível de instrução e conhecimento de inglês.

⁸¹ A escolha do BNC como corpus de referência também não ocorre sem problemas, mas estes são comentados no artigo.

como possível (de acontecer), o que não se verificou no corpus de ILE. Um uso repetido de *'should'* pelos britânicos investigados é o que indica o que pode ser esperado de acontecer, sentido este empregado menos comumente pelos aprendizes japoneses.

Shirato e Stapleton (2007) concluem que o corpus oral de falantes de IL1 apresenta recursos lingüísticos indicativos de vagueza, atenuação e não-direção, o que não se verifica no corpus de dados produzidos por japoneses. Uma possível explicação para este fato, segundo os autores, deve-se à ênfase no ensino de escrita em ILE no contexto japonês.

Diferindo dos dois estudos anteriores, Hyland & Milton (1997) analisam a escrita de duas variedades do inglês (cantonês e britânico). A motivação para o estudo advém do pressuposto de que “a expressão de dúvida e certeza é central às convenções da escrita acadêmica em inglês na qual se espera que ofereçam uma avaliação da informação referencial que eles fornecem a partir do comentário acerca da provisão ou definição de suas afirmações”⁸² (Hyland & Milton, 1997, p. 184). A investigação busca verificar as expressões modalizadoras indicativas de graus de dúvida e certeza. Há uma variedade de recursos que servem a este propósito, mas a investigação centra-se em 75 deles que foram selecionados a partir de menções na literatura. Os corpora investigados são de tamanhos semelhantes (em média 500.000 palavras) provenientes de redações expositivas / argumentativas escritas por estudantes de um mesmo nível escolar em condição também semelhante, a saber, a de uma prova. As diferenças ficam por conta de questões educacionais e sociais, e das tarefas propostas. Além disto, os dados cantonês contemplam redações que tiveram notas diferentes (de A até F). A análise envolveu a leitura de 50 fragmentos para cada um dos 75 elementos selecionados, de forma independente pelos dois pesquisadores.

Apesar de ambos os grupos empregarem recursos lexicais para indicar modalidade epistêmica de forma semelhante, as frequências individuais destes recursos são distintas. Na lista dos 10 itens mais frequentes, três verbos modais são encontrados: *'will'*, *'may'* e *'would'*, sendo que os dois primeiros são mais

⁸² Tradução livre do seguinte fragmento: “The expression of doubt and certainty is central to the conventions of academic writing in English where writers are required to offer an assessment of the referential information they provide by commenting on the provisionality or definiteness of their statements”.

utilizados pelos falantes cantoneses de ILE do que por falantes de IL1. Em todos os três casos, a diferença envolve praticamente o dobro das ocorrências em termos de frequência bruta. Quanto à diferença de ‘*will*’ e ‘*would*’, os autores comentam que os falantes de ILE preferem expressar confidentemente suas predições enquanto os britânicos optam por uma forma provisória (*tentative*).

Quando se analisa a veiculação de modalidade epistêmica por classe gramatical, nota-se uma grande diferença em termos de verbos modais e de adverbiais. Os primeiros são empregados mais frequentemente por falantes de ILE enquanto os últimos são usados em menor proporção. No tocante aos verbos modais, as proporções parecem ser semelhantes em quase todas as faixas de avaliação (B-F), com exceção da A na qual tal uso é menor. Porém, o emprego de verbos modais ainda é maior do que o realizado por falantes de IL1.

Quando a análise é realizada por classes semânticas de marcadores epistêmicos (‘certeza’, ‘probabilidade’, ‘possibilidade’, ‘usualidade’ e ‘aproximação’), nota-se que a escrita dos falantes de ILE é marcada pela certeza, totalizando um pouco mais de 50% dos recursos analisados pelos pesquisadores. Isto confere às redações um tom mais autoritário e afirmativo, não permitindo que haja discordâncias nem facilitando, de certa forma, o papel do leitor. A escrita de falantes de IL1 emprega certeza e probabilidade em proporções similares. As diferenças neste caso são mais notáveis nos grupos menos proficientes (redações avaliadas como C-F).

De acordo com os autores, a diferença observada na escrita dos falantes cantoneses de ILE quando comparada à de falantes britânicos de IL1 pode estar relacionada a uma falta de conhecimento da língua em relação destas formas de suavização de asserções ou ausência de consciência acerca da apropriação do uso de recursos lingüísticos. Para Hyland & Milton (1997), apesar de serem mais indiretos na escrita na língua materna (o chinês), os estudantes parecem confundir o estilo explícito e direto do inglês com a expressão de certezas sem atentar para as nuances de uso entre diferentes gêneros.

De forma resumida, os pesquisadores concluem que “os aprendizes de Hong Kong empregaram construções sintaticamente mais simples, contaram com uma série mais limitada de recursos, indicaram compromissos mais fortes às afirmações e exibiram maiores problemas ao transmitirem um grau preciso de

certeza”⁸³ (Hyland & Milton, 1997, p. 201). No entanto, apesar de o estudo ser centrado em estudantes de Hong Kong, os autores acreditam que estes problemas também sejam característicos de outras populações e, portanto, tal questão deva integrar a agenda das atividades de ensino e pesquisa de / em língua inglesa.

Também com base em dados escritos, o estudo de Ringbom (1998) acerca das frequências vocabulares não enfoca exclusiva ou principalmente os verbos modais, mas aborda os mesmos de forma indireta. O objetivo do estudo é levantar as formas mais frequentes em sete subcorpora do ICLE (dados alemães, espanhóis, finlandeses, fino-suecos, franceses, holandeses e suecos) em comparação às mesmas formas do LOCNESS (dados americanos e britânicos). Entre outras análises, é compilada uma lista das 110 formas mais frequentes nos oito corpora, tendo sido excluídas aquelas que não apareceram em mais da metade dos corpora (mínimo de uma ocorrência em cinco corpora). Nesta lista, figuram cinco dos verbos modais a serem analisados nesta dissertação, a saber, ‘*will*’, ‘*would*’, ‘*can*’, ‘*should*’ e ‘*could*’ em ordem decrescente de frequência no LOCNESS. No caso de ‘*will*’, os franceses – assim como os cantoneses no estudo de Hyland & Milton (1997) – apresentam um uso maior; os espanhóis, finlandeses, holandeses e alemães apresentam um menor uso; e os fino-suecos e suecos parecem ter um emprego semelhante aos falantes de IL1 apesar de ser um pouco menor. Em relação ao verbo modal ‘*would*’, todos os grupos nacionais o utilizam em menor escala, sendo que finlandeses e fino-suecos se aproximam do que é observado no LOCNESS. Este uso menor do que o observado no corpus de IL1 também é semelhante aos achados de Hyland & Milton (1997). Quanto ao modal ‘*can*’, todos os falantes de ILE investigados por Ringbom (1998) utilizam este verbo modal em demasia, sendo que os universitários de origem francesa, sueca e alemã parecem se aproximar da frequência de uso observada para os falantes de IL1. Um novo panorama é delineado no caso de ‘*should*’, havendo maior uso por parte de alemães, franceses e finlandeses enquanto espanhóis, fino-suecos, holandeses e suecos o utilizam em menor quantidade quando comparados aos americanos e britânicos. Por fim, nota-se que ‘*could*’ é o que apresenta a distribuição mais similar dos verbos listados. Somente os espanhóis o empregam

⁸³ Tradução livre do seguinte fragmento: “The Hong Kong learners employed syntactically simpler constructions, relied on a more limited range of devices, offered stronger commitments to statements and exhibited greater problems in conveying a precise degree of certainty”.

ligeiramente mais recorrentemente do que americanos e britânicos. Os estudantes finlandeses registram a mesma frequência da observada para falantes de IL1 ao passo que franceses, fino-suecos, suecos, holandeses e alemães empregam *'could'* em proporção menor. Após alguns comentários esparsos a respeito de algumas das formas contidas na tabela, afirma-se que

este capítulo tentou mostrar como uma aparentemente simples contagem de frequência de palavras pode prover um ponto inicial útil para muitos projetos de escala menor onde as características gerais da linguagem do aprendiz avançado assim como a relativa importância da transferência e das características universais podem ser mais exploradas.⁸⁴ (Ringbom, 1998, p. 51)

Em outras palavras, apesar de indicar as diferenças entre os corpora por meio de uma extensa tabela, Ringbom (1998) não as interpreta de forma exaustiva. Talvez tivesse sido melhor apresentar uma tabela mais compacta, mas cujos resultados fossem amplamente discutidos.

A mesma família de corpora empregados em Ringbom (1998) e nesta dissertação, são estudados por Aijmer (2002), que objetiva verificar o uso da modalidade na escrita de aprendizes suecos de ILE em comparação à de falantes de IL1. Compara-se também a escrita dos primeiros com a de franceses e alemães de forma tangencial. Para esta finalidade, a pesquisadora emprega três subcorpora do ICLE (dados suecos, franceses e alemães) e o LOCNESS. Todos, porém, são representados de forma fracionada, contendo um pouco mais de 52.000 palavras. Comparações também são realizadas com os gêneros de prosa acadêmica e editorial do LOB e a descrição de Biber et al. (1999). Entre os fatores que podem influenciar os resultados de seu estudo, Aijmer (2002) lista a diferença de tópicos dados para a escrita e o tipo textual (argumentativo e literário). Levando em consideração 11 verbos modais (*'can'*, *'could'*, *'have (got) to'*, *'may'*, *'might'*, *'must'*, *'ought to'*, *'shall'*, *'should'*, *'will'* e *'would'*), Aijmer (2002) nota que os estudantes suecos os empregam mais frequentemente do que falantes de IL1, diferença esta que se mostra significativa. Quando analisados separadamente, são os verbos *'would'*, *'must'*, *'will'*, *'should'*, *'might'* e *'have (got) to'* que se

⁸⁴ Tradução livre do seguinte fragmento: "This chapter has tried to show that a seemingly simple word frequency count may provide a useful starting point for many interesting small-scale projects where the general characteristics of advanced learner language as well as the relative importance of transfer and universal features can be further explored".

apresentam com as maiores diferenças em ordem crescente de significância. O modal *'will'*, por exemplo, parece ser característico da oralidade e sua alta recorrência no corpus de redações chama a atenção da pesquisadora.

Em relação aos modais que indicam possibilidade, nota-se que a ordem decrescente de frequência é *'can'*, *'could'*, *'might'* e *'may'*, sendo que somente *'might'* apresenta diferença significativa entre a escrita de suecos e de IL1. Aliás, a forma não-marcada do verbo modal precede a forma que pode indicar tempo passado tanto no LOB, no Brown e na descrição de Biber et al. (1999). Estes verbos que indicam possibilidade são utilizados mais frequentemente não somente por suecos, mas por franceses e alemães de forma significativa. No entanto, os grupos nacionais apresentam padrões distintos: (a) suecos utilizam *'might'* em maior proporção; (b) franceses usam *'may'* e *'might'* em maior escala, e (c) alemães empregam *'can'*, *'could'* e *'might'* de forma mais acentuada, sendo todas as diferenças significativas. Nota-se, portanto, que o alto uso de *'might'* é característico da escrita dos três grupos nacionais em questão, mas são os suecos que o empregam de modo mais acentuado apesar de a diferença entre grupos de falantes de ILE não ter sido submetida a testes estatísticos. As explicações levantadas pela autora para este maior emprego relacionam-se à falta de conhecimento dos aprendizes de como argumentar em inglês, às pré-concepções que os grupos nacionais têm acerca do grau de certeza e diretividade necessário na escrita acadêmica, ou à influência da oralidade.

O estudo também detecta uma concentração percentual de *'should'* em redações de um mesmo tópico. Apesar de não haver nenhum valor de significância estatística, afirma-se que “estes números realçam o efeito por vezes altamente surpreendente do tópico no uso de verbos modais”⁸⁵ (Aijmer, 2002, p. 66).

Ao contrastar o estudo de Aijmer (2002) com o de Ringbom (1998) alguns resultados inesperados aparecem. Em relação aos suecos, Ringbom (1998) mostra que este grupo nacional utiliza *'could'*, *'should'*, *'will'* e *'would'* em menor quantidade do que falantes de IL1 ao passo que Aijmer (2002) indica haver uso maior dos mesmos com significância estatística em relação aos três últimos modais. No tocante aos estudantes alemães e franceses, Ringbom (1998) indica

haver reduzido emprego de ‘*could*’ enquanto Aijmer (2002) indica que ambas as populações utilizam este verbo modal mais freqüentemente, sendo a diferença entre falantes de IL1 e de falantes alemães de ILE significativa.

No panorama brasileiro, Recski (2006) compara formas de expressão de modalidade epistêmica em inglês e em português. Para tal finalidade, o pesquisador compara seções do BNC (parte oral) e do Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (NURC-RJ). Não se explica, no entanto, a seleção dos corpora de estudo nem a comparabilidade dos mesmos. Enquanto os dados orais do BNC incluem uma variedade de gêneros (por exemplo, palestras acadêmicas, demonstrações comerciais, discursos políticos e conversas em clubes – cf. Aston & Burnard, 1998), o NURC-RJ engloba principalmente entrevistas. O artigo apresenta uma extensa revisão da literatura, mas não esclarece qual linha teórica será seguida. O pesquisador divide as expressões de modalidade epistêmica em crença, indução e confiabilidade. Porém, estas categorias englobam tanto palavras isoladas (como ‘*must*’ em indução) quanto expressões de três ou quatro palavras (por exemplo, ‘*I must say*’ e ‘*I’ve got a feeling*’ em crença). As contagens apresentadas no artigo se referem às freqüências brutas e não se indica se todos os equivalentes das expressões em inglês foram investigados no corpus em português. Análises mais detalhadas são realizadas apenas com ‘*I think*’ / ‘eu acho’, ‘*you know*’ / ‘sabe’ e *tag questions* / perguntas de confirmação. Contudo, não se explica esta seleção, especialmente porque os últimos dois não aparecem na tabela que possivelmente resume os achados quantitativos. Apesar de indicar que sua análise é experimental, o autor conclui que sua

análise das conversas nas duas línguas sugere que os modais epistêmicos são um significativo recurso para os falantes: eles são usados para comunicar a atitude dos falantes em relação à proposição expressada, expressar a sensibilidade dos falantes ao ouvinte, negociar tópicos sensíveis e em geral facilitar o livre debate.⁸⁶ (Recski, 2006, p. 180-181)

⁸⁵ Tradução livre do seguinte fragmento: “These figures highlight the sometimes highly striking effect of topic on modal use.”

⁸⁶ Tradução livre do seguinte fragmento: “analysis of the conversations in both languages suggests that the epistemic modals are a significant resource for the speakers: they are used to convey the speakers’ attitude to the proposition being expressed, to express the speakers’

Tal conclusão reitera resultados já apontados por estudos anteriores (Biber, 1988; Biber et al., 1999, por exemplo).

Apesar de também estar relacionado a uma população de brasileiros, o estudo de Viana (2006) abarca o uso de verbos modais na escrita em ILE. Para tanto, um corpus é compilado com redações (tamanho médio de 288 palavras) de tópicos diversos produzidos por alunos avançados de cursos livres da Cidade do Rio de Janeiro. O objetivo da pesquisa é comparar o uso dos verbos modais pelos estudantes investigados com o de falantes de IL1 tal como descrito em Biber et al. (1999) para o gênero de prosa acadêmica. Viana (2006) percebe que os verbos modais que se referem a um tempo outro que não o passado são mais frequentes do que aqueles que podem fazer referência ao passado. A única exceção – assim como em Biber et al. (1999) – reside no par ‘*shall*’ e ‘*should*’. Na verdade, nenhuma instância de ‘*shall*’ é encontrada no corpus de estudo (Viana, 2006). Em termos de significado, a pesquisa indica que os sujeitos envolvidos utilizam modais indicando permissão, possibilidade e habilidade, e necessidade e obrigação em menor escala ao passo que empregam modais que expressam volição e predição, especialmente ‘*will*’, mais frequentemente. O autor conclui que o emprego dos verbos modais na escrita dos estudantes investigados parece divergir daquele descrito por Biber et al. (1999).

A crítica que pode ser feita ao estudo de Viana (2006) concerne a aspectos metodológicos. Primeiramente, a inclusão de composições de tópicos diversos no corpus pode ter afetado os resultados encontrados. Em segundo lugar, não há um corpus de referência. Os resultados encontrados para a população brasileira são comparados à descrição gramatical oferecida por Biber et al. (1999). Finalmente, apesar de ser compreensível a escolha do gênero de prosa acadêmica dentre as opções disponíveis (conversa, ficção e textos jornalísticos), não parece apropriado comparar a produção escrita de alunos de cursos livres com a de escritores mais avançados em termos do nível de instrução. A escrita de ambos os grupos deve diferir. Assim sendo, aponta-se mais uma vez para a necessidade de um corpus de referência comparável.

As investigações reportadas nesta seção indicam que o uso de verbos modais por estudantes de ILE não é algo estável para todas as populações. Os

sensibility to the addressee, to negotiate sensitive topics, and in general to facilitate open

resultados indicam haver algumas características que são compartilhadas por diferentes grupos nacionais ao passo que populações distintas também apresentam usos idiossincráticos. No campo brasileiro, parece ser ainda pouco explorada a investigação do uso de verbos modais na escrita de estudantes de ILE com o auxílio da lingüística de corpus.

4.3.3. Pesquisa e ensino de ILE

O uso de verbos modais também já foi contrastado com a prescrição que é feita em materiais didáticos. Estes estudos buscam analisar criticamente os livros didáticos e os materiais de referências disponíveis para o ensino de ILE com base no resultado de pesquisas lingüísticas.

Holmes (1988), por exemplo, considera os recursos epistêmicos apresentados em dois livros didáticos e duas gramáticas de forma a verificar o tratamento dispensado aos mesmos. A seleção é justificada pela popularidade dos materiais em contextos de ensino de ILE e IL2, especialmente no sudeste da Ásia e no Pacífico.

Ao realizar uma investigação preliminar em um corpus de 50.000 palavras provenientes de gêneros orais e escritos da língua inglesa, a pesquisadora mapeia a distribuição das classes gramaticais para expressar modalidade epistêmica (verbos modais, verbos lexicais, adjuntos adverbiais, substantivos e adjetivos). Nota-se que nos dois meios, os verbos modais têm papel preponderante, sendo mais recorrente no oral do que no escrito. Quando da análise dos verbos modais empregados para expressar modalidade epistêmica, *'may'* é freqüentemente encontrado em gêneros escritos ao passo que *'might'*, *'can't'* e *'would'* atrelam-se aos gêneros orais.

O resultado da investigação dos livros didáticos no tocante à explanação dos verbos modais indica que apenas um livro – uma das gramáticas analisadas – dispensa tratamento adequado à questão em foco. Ao final do artigo a autora afirma que

apesar de todos os quatro livros didáticos proverem informações acerca das formas lexicais de expressão de dúvida e certeza, a qualidade e quantidade de informação útil varia muito marcadamente entre os diferentes livros. Enquanto alguma desta variação é relacionada ao nível, público-alvo, objetivos, e escopo dos livros, muitos dos pontos fracos ou inadequações que emergiram na análise não podem ser atribuídos a sérios procedimentos de seleção por parte dos escritores de livros didáticos.⁸⁷

Além disto, a autora observa que nem o material de referência considerado como sendo o mais completo contempla todos os recursos encontrados nos corpora investigados.

Ao tratar do panorama alemão, Mindt (1996) contrasta o uso de modais por falantes de IL1 e a introdução e seqüência dos mesmos em livros didáticos de ensino de ILE. Como se postula que o objetivo do ensino de ILE na Alemanha é a comunicação oral, Mindt (1996) analisa uma parte oral do *London Lund Corpus*.

Argumenta-se que a ementa de um curso deve introduzir as orações principais antes das suborações. Como os verbos modais que não podem fazer referência ao passado são mais freqüentes nestas orações do que os que podem fazer referência ao passado, ‘*can*’, ‘*may*’, ‘*must*’, ‘*shall*’ e ‘*will*’ devem preceder ‘*could*’, ‘*might*’, ‘*should*’ e ‘*would*’. Levando-se em consideração dados de freqüência, a ordem de apresentação deveria ser ‘*can*’, ‘*will*’, ‘*must*’, ‘*may*’ e ‘*shall*’. Estes verbos, no entanto, ainda podem ser divididos entre referência ao presente ou atemporal (‘*can*’, ‘*must*’ e ‘*may*’) e referência futura (‘*will*’ e ‘*shall*’), sendo que os primeiros precedem os últimos em um programa de ensino. O que Mindt (1996) critica é o fato de ‘*will*’ só ser apresentado após os verbos modais ‘*must*’ e ‘*may*’, que são menos freqüentemente empregados do que ‘*will*’.

Em relação à expressão de futuro, Mindt (1996) observa que ‘*will*’ é mais comumente empregado em inglês oral do que ‘*going to*’, constatação que também é feita por Biber et al. (1999). Isto se equivale com a descrição de que ‘*will*’ é adquirido antes de ‘*going to*’ por falantes de IL1. Finalmente, aponta-se que ‘*will*’ apresenta menor número de restrições combinativas de verbos, categorias de verbos e classes de sujeitos. No entanto, ‘*going to*’ é apresentado antes de ‘*will*’

⁸⁷ Tradução livre do seguinte fragmento: “though all four textbooks provide information on lexical ways of expressing doubt and certainty, the quality and quantity of useful information varies quite markedly between the different books. While some of this variation is related to the level, audience, goals, and scope of the books, many of the weaknesses or inadequacies which have emerged in the analysis cannot be accounted for by attributing thoughtful selection procedures to the textbook writers”.

nos livros didáticos alemães analisados, o que pode levar os aprendizes a utilizarem em demasia uma estrutura não tão freqüente no discurso oral de falantes de IL1. Ainda a respeito da expressão de tempo futuro, Mindt (1996) observa que os livros didáticos investigados não mencionam ‘*shall*’ por considerarem-no infreqüente e formal. Esta constatação, contudo, parece não se sustentar no caso do inglês britânico no qual ‘*shall*’ é a segunda forma preferida para indicação de futuro quando o sujeito é a primeira pessoa do singular (‘*I*’). O pesquisador afirma que “a evidência do corpus sugere que o requerimento mínimo seria ensinar isto receptivamente para que o aprendiz esteja apto a entender ‘*shall*’ quando usado para orientação de tempo futuro por falantes nativos de inglês britânico”⁸⁸ (Mindt, 1996, p. 239).

Em outro estudo de mesma natureza, Mindt (1997) observa a existência de discrepâncias entre os materiais de referência disponíveis para o ensino de inglês na Alemanha e os dados obtidos a partir da análise de corpus.⁸⁹ No tocante ao tratamento dispensado aos modais ‘*will*’ e ‘*would*’, verifica-se que estes são descritos dentro de um mesmo referencial, sendo o segundo considerado a forma passada do primeiro. Entretanto, em uma análise de corpus, Mindt (1997) nota que ‘*will*’ é freqüentemente empregado para expressar certeza / predição (71%), volição / intenção (16%) e possibilidade / alta probabilidade (10%). Por sua vez, ‘*would*’ é usado para indicar possibilidade / alta probabilidade (33%), certeza / predição (31%), evento ou resultado hipotético (18%) e hábito (13%). Desta forma, o pesquisador argumenta ser incoerente o tratamento dispensado aos modais nas gramáticas analisadas, que necessariamente devem considerá-los de forma separada.

A motivação para o estudo de Römer (2004), que também enfoca materiais de ensino utilizados na Alemanha, advém da observação de que os verbos modais constituem um problema gramatical no ensino de ILE no referido país. Assim sendo, compara-se a parte oral do BNC com uma série de livros didáticos, contrastando as ocorrências de ‘*can*’, ‘*could*’, ‘*may*’, ‘*might*’, ‘*will*’, ‘*would*’, ‘*shall*’, ‘*should*’, ‘*must*’ e ‘*ought to*’. Os dados orais do BNC são escolhidos por

⁸⁸ Tradução livre do seguinte fragmento: “Corpus evidence suggests that the minimum requirement would be to teach it receptively so that the learner is able to understand *shall* when used for future time orientation by native speakers of British English”.

⁸⁹ Não há, no entanto, indicação clara de que corpus foi empregado na pesquisa de Mindt (1997).

dois motivos: a alta ocorrência dos verbos modais neste gênero e a importância dada à linguagem oral no ensino de ILE na Alemanha. O objetivo é verificar até que ponto os modelos apresentados no material de ensino corresponde ao uso real por falantes de IL1.

A análise do BNC evidenciou que a frequência dos modais é bastante diversa no gênero oral: *'will'*, *'would'*, *'can'*, *'could'*, *'should'*, *'might'*, *'must'*, *'may'*, *'shall'* e *'ought to'* em ordem decrescente. Os três primeiros têm mais de 45.000 ocorrências cada, *'could'* ocorre 21.924 vezes e *'should'*, mais de 12.287 vezes. Os outros variam entre 7.940 (*'might'*) até 1.082 (*'ought to'*).

Após a contagem, foram analisadas 200 linhas de concordância de cada verbo modal, selecionadas aleatoriamente, com vistas ao levantamento dos significados mais frequentes. Percebe-se que *'can'* é empregado majoritariamente para expressar habilidade (36%) com semelhante valor percentual para possibilidade (31,5%). No caso de *'could'*, a ordem é inversa: possibilidade (41,5%) é mais recorrente do que habilidade (34%). A indicação de possibilidade é a mais frequente no caso de *'may'* e *'might'*. Por sua vez, *'will'* (87,5%) e *'would'* (50,5%) apontam para predições em mais da metade dos casos. O modal *'shall'*, no entanto, expressa mais frequentemente volição (65%). Nos casos de *'should'*, (62,5%), *'ought to'* (79%) e *'must'* (52%), o significado que se aponta é o da obrigação / conselho.

Apesar de os resultados serem interessantes, eles apresentam algumas limitações. Primeiramente, a análise foi realizada em apenas 200 linhas de concordância e não com todas as instâncias. Alia-se a este fato a ausência de testes estatísticos, o que impede de se afirmar que os mesmos são válidos para todo o corpus, ou seja, que não são devidos ao fator chance. Um terceiro problema é que a classificação dos verbos modais nestas categorias é algo subjetivo. Provavelmente se os dados forem classificados por outro pesquisador é capaz de os resultados serem diversos. Tal volatilidade analítica é expressa no próprio estudo pela inclusão de uma categoria que engloba casos não-classificados.

No caso da série de livros didáticos analisada, foram escolhidos 32 textos nos quais havia referência ao ponto gramatical de verbo modal na explicação. Não se informa, contudo, quais eram os tipos textuais representados. Se a comparação é com a parte oral do BNC, todos os textos deveriam ser diálogos.

Pode-se criticar a seleção de textos que serviam de base para a explicação de aspectos relacionados aos verbos modais, mas se o objetivo é permitir que os estudantes de ILE tenham contato com a língua de forma natural, todos os textos apresentados devem necessariamente ser microcosmos do que acontece na comunicação real, o que acaba por justificar o estudo.

O levantamento da frequência dos verbos nos textos analisados indicou a seguinte ordem decrescente de uso: ‘*can*’ (101), ‘*will*’ (95), ‘*must*’ (29), ‘*would*’ (28), ‘*could*’ (23), ‘*may*’ (12), ‘*should*’ (10), ‘*shall*’ (5), ‘*ought to*’ (5) e ‘*might*’ (5). A comparação feita por Römer (2004) é realizada com valores percentuais baseados em frequência bruta. Isto se mostra improdutivo e pouco revelador já que os valores percentuais indicam qual a proporção de um determinado verbo modal em relação aos outros verbos modais identificados. O que deveria ter sido realizado é uma comparação com base em frequências relativas de forma a neutralizar o fato de os corpora serem de tamanhos diversos.

Na análise dos significados, várias diferenças foram encontradas. Primeiramente, a categoria que contempla casos obscuros não foi empregada visto que a simplificação dos exemplos nos textos analisados parece não ter gerado dúvidas. De uma forma geral, a realidade apresentada na série didática parece ser mais dualista, na qual grande parte dos verbos modais expressa somente dois significados não obstante a nuance de traços semânticos observados no BNC. Entre as maiores diferenças, encontram-se o uso de ‘*could*’ para indicar habilidade (78,3%) e o de ‘*would*’ para hipóteses (39,3%).

De forma resumida, os estudos reportados nesta seção indicam que o conhecimento relativo ao uso da língua inglesa propiciado pela lingüística de corpus não encontrou devida repercussão junto aos produtores de materiais didáticos. Assim sendo, parece ainda existir uma diferença entre o inglês utilizado em situações reais de comunicação e o que é ensinado em salas de aula.

4.4. Resumo

Este capítulo apresentou algumas descrições para os verbos modais em gramáticas de variadas naturezas. Optou-se pela adoção da abordagem de Biber et al. (1999) visto que a mesma segue o referencial da lingüística de corpus,

igualmente adotado neste estudo. Também foi apresentado o recorte dos verbos modais a serem estudados, a saber, ‘*can*’, ‘*could*’, ‘*may*’, ‘*might*’, ‘*must*’, ‘*shall*’, ‘*should*’, ‘*will*’ e ‘*would*’, que são descritos como verbos modais centrais por Biber et al. (1999). Os estudos aqui comentados foram provenientes de três áreas de investigação: IL1, ILE e ensino de ILE. Juntos eles fornecem um referencial teórico e aplicado dentro do qual os achados da presente investigação poderão ser mais solidamente interpretados.

Ilustrou-se com evidências baseadas em pesquisas que o emprego dos verbos modais não é uma tarefa tão simples como já indicado por Holmes (1988, p. 21) na epígrafe deste capítulo e por Quirk et al. (1997 [1985], p. 220). Tal dificuldade, na verdade, está inserida dentro do que é descrito por Biber et al. (1999, p. 4):

A cada momento que escrevemos ou falamos, somos confrontados com uma infinidade de escolhas: não somente escolhas no que dizemos, mas em como dizemos. O vocabulário e a gramática que usamos para comunicação são influenciados por um número de fatores.⁹⁰

De forma mais específica, a complexidade inerente à modalidade reside na inexistência da relação exata entre forma e função na proporção de um para um, havendo variadas formas para veiculação de uma mesma função e vice-versa (Holmes, 1988).

⁹⁰ Tradução livre do seguinte fragmento: “Every time that we write or speak, we are faced with a myriad of choices: not only choices in what we say but in how we say it. The vocabulary and grammar that we use to communicate are influenced by a number of factors”.